

“VIGIA ATENTAMENTE O TEU CORAÇÃO” (PROV. 4:23): panoptismo religioso e controle da sexualidade entre os dissidentes LGBTQIA+ dos Testemunhas de Jeová

Géssica Figueiredo Matias Siqueira (UFAL)¹,
gessica.matias@ceca.ufal.br

Luci Mônica Moura Ribeiro Rabelo (UFAL)²,
lucimonica1@gmail.com

RESUMO

Neste estudo, analiso o funcionamento do panoptismo religioso enquanto tecnologia de controle da sexualidade a partir do estudo de caso de dissidentes LGBTQIA+ dos Testemunhas de Jeová à luz das contribuições teóricas de Michel Foucault acerca da vigilância, da disciplina e do poder pastoral. A questão que orienta a pesquisa é: de que modo o regime de vigilância religiosa se corporifica nas trajetórias de membros da comunidade LGBTQIA+ e como esses sujeitos conseguem romper ou reconfigurar a lógica panóptica que organiza o movimento religioso? Para tanto, adoto uma metodologia mista que combina entrevistas em profundidade com dissidentes LGBTQIA+, a aplicação de um questionário estruturado via Google Forms para a coleta de dados sociodemográficos e a incorporação de elementos autoetnográficos. Os resultados indicam que a organização religiosa produz um regime de vigilância internalizada que incide sobre corpos, desejos e identidades por meio da articulação de dispositivos disciplinares como comissões judicativas, narrativas doutrinárias e práticas de ostracismo social, aqui compreendido como uma forma de morte social. Os dados revelam, ainda, um recorte geracional significativo no rompimento com a organização: a maioria dos dissidentes LGBTQIA+ realiza esse desligamento predominantemente entre os 20 e 37 anos, isto é, na fase da adultez jovem, após um prolongado processo de internalização das normas, frequentemente iniciado no âmbito familiar. Conforme evidenciado nos relatos, tal recorte etário se relaciona à inserção histórica dessas gerações em debates mais amplos sobre gênero e sexualidade. Ainda assim, observa-se que parte desses sujeitos continua a se perceber submetida a regimes de vigilância mesmo após a saída formal da organização, o que indica que o panoptismo religioso não é simplesmente abandonado, mas reconfigurado em novas formas de subjetivação.

Palavras-chave: Panóptico. Testemunhas de Jeová. Sexualidade. Dissidência. Controle Social.

¹ Mestranda em Sociologia (UFAL). Especialista em Linguagem e Práticas Sociais (UFAL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2711728233098740>

² Mestranda em Sociologia (UFAL). Especialista em Ciências Criminais (UFAL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5431633398253294>

1 INTRODUÇÃO

Michel Foucault, em “Vigiar e Punir”, ao examinar a lógica do poder disciplinar, descreve o panóptico como uma estrutura na qual tudo pode ser observado. Trata-se de um projeto arquitetônico concebido por Jeremy Bentham, ao final do século XVIII, como um modelo de vigilância contínua, pensado sobretudo para instituições disciplinares, como prisões, hospitais e manicômios (Bentham, 2008). Foucault apropria-se desse modelo como uma analogia para compreender as formas modernas de vigilância, que operam menos pela coerção direta e mais pela internalização do olhar regulador, incorporado às subjetividades dos indivíduos. O poder disciplinar, nesse sentido, prescinde da presença permanente do vigia e da aplicação sistemática de castigos físicos: basta a possibilidade constante de estar sendo observado para induzir comportamentos, regular condutas e produzir corpos ajustados às normas institucionais (Foucault, 2021).

Esse regime de vigilância infiltra-se em múltiplas esferas da vida social, assumindo contornos específicos no campo religioso. É sob essa perspectiva onde se inscreve a presente investigação, dedicada a compreender a potência da vigilância internalizada entre os Testemunhas de Jeová, movimento religioso cuja imagem institucional é simbolicamente marcada pela figura da “torre de vigia”³, uma estrutura elevada, destinada a observar à distância, antecipar riscos e emitir alertas (Testemunhas de Jeová, 2024). Tal figura ocupa posição central no imaginário teológico e organizacional do grupo, funcionando como metáfora e dispositivo de controle moral. Esse mecanismo adquire intensidade particular quando direcionado à regulação da sexualidade, especialmente no que se refere à homossexualidade.

A vigilância, nesse contexto, extrapola os espaços formais das reuniões congregacionais e das orientações pastorais, materializando-se na produção e no controle de uma sexualidade normativa. Trata-se de uma vigília moral que se encarna nos olhares cruzados da comunidade, mas, sobretudo, no olhar interiorizado que aprende a disciplinar

³ No Brasil, os Testemunhas de Jeová estão juridicamente constituídos como Associação Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, denominação que remete à tradição escatológica do movimento e à centralidade simbólica da vigilância diante da expectativa do fim iminente.

desejos e pensamentos antes mesmo de sua conversão em atos. A sexualidade dissidente torna-se, assim, um dos principais domínios regulados, no qual vestimentas, gestos e expressões corporais podem ser interpretados como indícios de uma suposta “inclinação errada”. Diante disso, o artigo orienta-se pela seguinte questão: de que modo o regime de vigilância religiosa se corporifica nas trajetórias de membros da comunidade LGBTQIA+ e como esses sujeitos rompem ou reconfiguram a lógica panóptica do movimento religioso? A análise situa-se, portanto, na tensão entre a produção de sujeitos disciplinados e os processos de resistência, ruptura e reinscrição de si.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem metodológica mista (qualitativa e quantitativa) que articula diferentes estratégias de coleta de dados: 1) entrevistas em profundidade com dissidentes pertencentes à comunidade LGBTQIA+; 2) aplicação de um questionário estruturado, via Google Forms, junto a cinquenta e três dissidentes, destinado à coleta de dados sociodemográficos; e 3) a incorporação de elementos autoetnográficos. A abordagem autoetnográfica mostra-se central ao legitimar a presença do corpo e da experiência da pesquisadora no campo. Conforme argumenta Gama (2020), a autoetnografia, enquanto recurso metodológico, tensiona a lógica iluminista, colonial e imperialista que historicamente desqualifica formas de conhecimento ancoradas na experiência vivida.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados empíricos combina resultados quantitativos e qualitativos, permitindo compreender tanto o perfil sociodemográfico dos dissidentes quanto as dinâmicas subjetivas implicadas no processo de desligamento do movimento religioso. No plano quantitativo, a pesquisa baseou-se na aplicação de um questionário estruturado a 53 dissidentes. Os dados indicam que 23,7% dos respondentes se autodeclaram integrantes da comunidade LGBTQIA+. Entre eles, observa-se um recorte geracional significativo: 83,3% romperam com a organização entre os 20 e 37 anos, correspondendo majoritariamente à faixa de jovens adultos. A trajetória desses sujeitos é marcada por uma socialização precoce no

interior do movimento, uma vez que 75% afirmaram ter ingressado ainda na infância, permanecendo, em média, 16 anos vinculados à organização. No que se refere aos mecanismos punitivos, 77,8% dos participantes LGBTQIA+ relataram ter sido submetidos a comissões judicativas⁴ e posteriormente expulsos em razão direta de sua sexualidade.

A dimensão qualitativa do estudo aprofunda essa análise por meio das trajetórias de dois entrevistados, aqui identificados pelos nomes fictícios de Pedro e Andreia, cujas narrativas evidenciam os efeitos subjetivos do controle religioso. Pedro, de 27 anos, homossexual, relata ter sido expulso da organização em três vezes, sendo a primeira delas com apenas 14 anos, e descreve a experiência de viver uma “vida dupla” durante o período escolar, acompanhada por sentimentos intensos de culpa e autodepreciação, produzidos pelo controle organizacional. Andreia, que se identifica como bissexual, descreve um sentimento persistente de inadequação e repulsa em relação a si mesma, expressos em categorias morais como “suja” e “nojenta”, anterior inclusive a qualquer experiência sexual, decorrente da crença de que Deus vigiava não apenas suas ações, mas também seus pensamentos. A expulsão de ambos culminou em uma situação de “morte social”, sendo compelidos pela própria família a deixarem o lar sob a justificativa de que representariam uma “má influência”. Ambos os casos confirmam o ostracismo⁵, entendido como o rompimento total de vínculos familiares e afetivos, como uma ferramenta central de punição e disciplinamento.

A articulação desses achados empíricos com a teoria foucaultiana permite compreender o funcionamento do que se denomina, neste estudo, panoptismo religioso. A estrutura organizacional do movimento opera de modo análogo ao Panóptico, não se restringindo à vigilância física, mas promovendo a interiorização do “olhar de Deus” e da instituição, simbolizada pela Torre de Vigia. O fiel aprende, assim, a vigiar a si mesmo,

4 Trata-se de um ritual de confissão, no qual o indivíduo é compelido a verbalizar desejos e atos, submetendo sua intimidade ao julgamento da liderança religiosa, responsável por decidir sobre sua permanência ou não no grupo. A eventual expulsão resulta no corte abrupto dos laços sociais, configurando uma forma de ostracismo.

5 No contexto dos Testemunhas de Jeová, o ostracismo refere-se à prática institucionalizada de rompimento de vínculos sociais e afetivos, aplicada sobretudo a membros acusados de pecados sexuais, como relações homoafetivas e adultério. Após a remoção, orientam-se os fiéis a evitar qualquer contato com o indivíduo excluído, incluindo relações entre mães e filhos, pais e filhos e irmãos.

regulando não apenas comportamentos, mas também desejos e pensamentos — os chamados “movimentos da alma” (Foucault, 2021).

Nesse contexto, a sexualidade emerge como um objeto privilegiado de confissão e controle. A homossexualidade não é reconhecida como identidade legítima, mas enquadrada como conduta desviante ou “tendência” a ser reprimida (Foucault, 2021). As comissões judicativas funcionam, portanto, como dispositivos de poder-saber, nos quais o sujeito é constrangido a verbalizar seus desejos mais íntimos e a submetê-los ao julgamento moral de terceiros, reforçando a assimetria de poder e a produção de subjetividades culpabilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que o medo — da punição, da perda de vínculos afetivos e da impossibilidade de “ser aquilo que se é” — constitui um sentimento social historicamente produzido. O regime de vigilância religiosa atua na formação de sujeitos marcados pela sensação persistente de “estar em falta”, efeito que pode perdurar mesmo após o rompimento institucional, evidenciando a internalização dos dispositivos disciplinares. Em diálogo com Foucault, sustenta-se que não há uma fuga plena do poder disciplinar: o desligamento formal da organização não dissolve as relações de poder, que se reatualizam por meio do ostracismo, dos olhares vigilantes e de mecanismos sutis de controle simbólico. Nesse sentido, a ruptura configura-se como um processo gradual de reconfiguração subjetiva e relacional. O recorte geracional revela ainda a centralidade dos jovens adultos, influenciados por debates contemporâneos sobre gênero e sexualidade e pelo acesso às redes digitais, que ampliam possibilidades de pertencimento e reconhecimento. Por fim, as trajetórias analisadas confirmam que, como afirma Foucault (2021), onde há poder, há também resistência, expressa na criação de redes de apoio, estratégias de enfrentamento e práticas de militância.

REFERÊNCIAS

BENTHAM, J. **O panóptico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

GAMA, F. **A autoetnografia como método criativo:** experimentações com a esclerose múltipla. Anuário Antropológico, v. 45, n. 2, p. 188-208, mai.-ago. 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/5872>. Acesso em: 14. dez. 2025.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Estudo Perspicaz das Escrituras.** Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, 2024.